

GEORGE ORWELL -1984

por Moisés Neto

Este ensaio propõe-se a uma aproximação mais acurada no sentido psicológico da obra NINETEEN EIGHTY-FOUR escrita por George Orwell (pseudônimo de Eric Blair - escritor inglês - Mothari, Índia, 1903 – Londres 1950) e publicada em 1949. Um romance de previsão do futuro, como querem alguns.

“Por psicologia da literatura podemos querer significar ou o estudo psicológico do escritor como tipo e como indivíduo, ou o estudo do processo da criação, ou ainda o estudo dos tipos e das leis que estão presentes dentro de obras literárias, ou, finalmente os efeitos da literatura sobre os leitores (psicologia do público)”, no dizer de Wellek & Warren.*

A psicologia vem atraindo o homem à custa de estudá-lo e assim reintegrá-lo ao dia a dia, seguro, confiante.

Dentre os brindes levantados ao sucesso dessa ciência está o estudo do superdotado, indivíduo com um alto grau de inteligência que se “destacaria” do grupo ao qual pertence – quando bem aproveitado pelo Estado poderia render-lhe imenso lucro e quando não aproveitado por alguma instituição este superdotado voltaria sua “ira/frustração” contra a sociedade que o reprimiu ou pelo menos não lhe deu chances de desenvolver seus potenciais de uma forma ou de outra.

O caso de Winston Smith, o herói (domina a narrativa) de NINETEEN EIGHTY-FOUR, seria fácil de ser enquadrado nestes moldes acima mencionados, como também o próprio Orwell, vítimas/algozes de uma modernidade mal-resolvida. Isolado de suas potencialidades e aspirações, Winston, ferido em suas relações com a mãe (roubou o único pedaço de chocolate da sua mãe e da própria irmã famintas, fugindo para devorá-lo sozinho no meio do caos, quando voltou a mãe e a irmã tinham desaparecido para sempre) pelo o Estado (prisão e tortura depois de anos de escravidão “sadia” pelo INGSOC – famigerado partido que controlava a vida das pessoas), na sua relação amorosa com um elemento do sexo oposto (Katherine, sua esposa “arranjada” pelo partido – uma relação no mínimo doentia, e, Júlia sua amante e traidora – um jogo existencialista torturante em forma de paixão), com o próprio corpo (à maneira de Orwell, Winston sentia-se feio e cheio de achaques – Orwell tinha uma fraqueza nos pulmões, que terminou por matá-lo. Winston termina sua via crucis física – no livro – nas celas do que ele pensa ser o Ministério do Amor, não sem antes passar pelas mãos de algumas prostitutas, uma das quais ele julga que poderia ser sua mãe – na terceira parte do livro, quando ele está na cadeia).

Mesmo com sua fé completamente abalada, nosso “paciente” resiste enquanto prisioneiro e agente do sistema, forjando um ser mecânico que seria muito ingenuidade pensarmos que ao “cumprir ordens” este ser estaria liberto de qualquer compromisso em relação aos crimes que acobertava. Se realmente Winston fosse um libertador, ou pelo menos um indivíduo combativo por que então ele não fugiu para o lado do proletariado desde o início, ou pelo menos Orwell enquanto autor e manipulador da narrativa, que usa e abusa do discurso indireto livre, não criou um herói nesta linha, sim, porque Winston só propõe uma “fuga” para o lado do povo quando encontra Júlia (esta não se mostra muito encorajadora neste sentido). Vejamos como isto estaria ligado ao próprio Orwell que na verdade era aquele tipo de socialista que amava o povo, mas não as pessoas, pois achava certos hábitos dessa classe simplesmente deploráveis, vide os vícios de linguagem e por aí segue. Sem contarmos o seu diário (coisa tão subjetiva e efêmera) e suas conversas com Júlia e O’Brien pouco restará de individualidade revolucionária em Winston que segue de um lado para o outro como um robô num paraíso artificial que se estabelece à sua semelhança. Parte ativa de uma civilização extasiando-as em holocausto permanente a imprimir a bel-prazer uma história/realidade friamente calculada/reinventada.

* Wellek, René e Warren, Austin. TEORIA DA LITERATURA. Publicações Europa-América, Ltda. Lisboa, 1962.

II

“Hands that can grasp, eyes
that can dilate, hair that can rise

if it must, these things are important, not because a
high sounding interpretation can be put upon them, but
because they are useful” –

Marianne Moore

Ao citar o poema de Marianne Moore estamos querendo realçar nosso enfoque sob o ângulo da Teoria Psicológica do Valor que dentre outras coisas afirma que “Não poderia ser dada uma explicação puramente psicológica das diferenças entre experiências boas, más e indiferentes”^{*} pois todos estes conceitos são na verdade relativos e variam de acordo com as raças, os hábitos e as civilizações. Portanto, para avaliarmos Winston, teríamos que definir exatamente sob que expectativa. O próprio autor nos propõe a mentalidade/modernidade da Europa pós-atômica.

Os impulsos, desejos, preferências, coisas que estimam são para a criança uma coisa impressionante e chega a ser incrível as revelações de julgamento de valor que a criança (pelo menos algumas crianças) apresenta. Muitos dos quais são desviados e disfarçados pelas pressões sociais. Cabe à sociedade transformar o animal primitivo num bispo por exemplo, e aqui entramos num *behaviourismo* que cai como uma luva em NINETEEN EIGHTY-FOUR. Com o passar do tempo certos comportamentos infantis vão se repetindo. Vem-nos à mente o incidente com o chocolate da mãe e da irmã, naquele ato covarde/egoísta/mesquinho e tão ligado aos ratos (que entram em cena na narração ligados a este gesto e em seguida como forma de punição usada pelo sistema contra o “réu” Winston); não estaria naquele jogo familiar a explicação da semente dos Smiths? Podemos partir do fato que os impulsos podem significar procura e tudo que satisfaça uma “procura” é valorável, a satisfação de um desejo, os limites psicológicos desses desejos, são outros desejos.

Você poderia dizer: “Não. Mas, ele era uma criança!” Mas, ora: por que cargas d’água iria Orwell colocar este quadro na narrativa senão para nos garantir elementos psicológicos no julgamento de Winston? Sabemos que Orwell era leitor de Reich, que tão bem trabalhou a questão do prazer. Alguns indivíduos, atormentados pelos seus vícios, ou por suas virtudes passam pela vida incapazes para a maior parte dos seus possíveis gozos. Certo, estamos falando do homem Winston, prisioneiro de um Estado totalitário, mas veja que dentro deste Estado um certo “divertimento” era proposto. O elemento de sacrifício exigido por qualquer sistema estável explica numa larga medida a tenacidade com quem aderimos ao costume, mesmo sentindo sua personalidade variável Winston veste a máscara que veio tecendo desde a infância, uma hipocrisia que o torna apenas mais um cidadão Durante os “Dois minutos de ódio” (cena bastante explorada na narrativa, é quando por exemplo nosso herói encontra seus dois contra-pontos mais fortes: Júlia e O’Brien) ou ainda na repartição que trabalha quando nós o vemos pela primeira vez naquele fatídico 4 de abril de 1984. Lá estava um pouco do Baby Winston, que agiu contra a mãe e irmã, buscando a satisfação pessoal um jogo comum, cômico se não fosse trágico. Um motivo fortíssimo a unir passado e presente. Passa-se de um estado caótico para um bem mais organizado por meios a respeito dos quais nada sabemos, influenciados por outras mentes, a literatura orwelliana trabalha com esta influência buscando a formação de uma sociedade livre, variada e construtiva. Baby Winston funciona como arquétipo do aspirante ao amor.

Um homem que tinha como máxima: “O melhor tema para escrever é aquele que se conhece melhor”, permite compararmos sua vida à sua obra buscando assim caracteres semelhantes.

Os traumas de Winston lembram os de Orwell criança (apanhando no internato porque urinava na cama por exemplo) vindo daí um assustador complexo de culpa, ao ser derrotado nos esportes também vem a Orwell a marca da frustração, do fracasso daquela época: LÊNIN.

Como socialista (quando adulto) Orwell era do tipo que declararia que certo tipo de criança (como os superdotados que falamos no início) deveria ter melhor assistência por parte do Estado. Vejam como as peças de Winston começam a se encaixar com as de Orwell. Da mesma forma que Orwell, Winston foi abandonado na infância (Orwell foi colocado num

^{*} Richards, I. A. PRINCÍPIO DE CRÍTICA LITERÁRIA. Editora Globo. Porto Alegre, 1971.

internato), ambos foram instrumentos do poder (Winston funcionário do INGSOC e Orwell nas colônias britânicas, participando de verdadeiros massacres de nativos onde criticar o Império era “subversão”. Aos 27 anos vemos Orwell em sua mais famosa auto-flagelação: Esmolar, como Winston em certo sentido, ele queria “submergir, descer junto aos oprimidos, ser um deles e lutar ao seu lado contra os tiranos” (autor e personagem diferem aqui, pois enquanto a luta de Winston não chegou ao front, Orwell pegou em armas como no caso da Guerra Civil Espanhola). Então por que desenhou Winston como um frustrado?

Orwell era pseudônimo de Eric Blair (uma purgação?), outro pseudônimo era P.S. Burton o que ele usava como mendigo. Psicologicamente o socialismo para ele surgia como “código moral para substituir as diversas crenças” no dizer de Ricardo Bonalume. O fracasso persegue os heróis de Orwell, apesar de não gostar de escrever na primeira pessoa, através da literatura ele purgava-se da sua incapacidade física (problema respiratório).

O processo vivido por Orwell na criação de *1984* é puramente catárquico, se levarmos em conta o conceito que Freud desenvolveu que consistia em purgar-se através da confissão da lembranças de fatos que traumatizaram (o autor), permitindo-se então exteriorizar sentimentos que haviam sido reprimidos no momento do choque. Por mais absurda que pareça a trama do livro o que vemos é a mesma tentativa da psicanálise quando trata do tema da catarse.

Ora, Orwell tinha sido constrangido pelos esquerdistas e também não estava disposto a engolir a hipocrisia britânica assim sem mais nem menos; então propõe-nos uma sociedade mista com valores anglo-soviéticos mixados a uma narrativa fantástica alucinante, quando trata do cidadão controlado pelo Estado, uma vítima em potencial da instituição.

Rompendo com os “recalques” (processo psíquico que no momento do trauma provoca o esquecimento de um desejo inconciliável com a moral social), Orwell situa-se além da resistência que opomos a que determinadas experiências amargas de nossa existência retornem à consciência.

Outro conceito freudiano reconhecível em *1984* é “o mal-estar-na-civilização” onde Freud desenvolve sua concepção de mundo destacando a submissão da civilização às necessidades econômicas que impõem pesados tributos (à sexualidade por exemplo – vide Júlia/Winston esmagados em sua relação) em troca de alguma segurança. Eliminando Eros (impulso para a vida) Orwell abraça-se com Tanatos (impulso para a morte).

O mundo dividido em três grandes potências: Eurásia (Antiga União Soviética e resto da Europa), Lestásia (China e Japão) e Oceania (EUA e Inglaterra, lar do nosso herói – AIRSTRIP ONE: Inglaterra); esta última domina ao lado de Winston toda narrativa, tornando-se assim quase um “personagem” põe-no em xeque: incapaz de reorganizar-se, paralisado no conflito com o poder, ele luta, à custa da própria dignidade para reintegrar-se ao sistema e novamente vemo-lo cruzar os umbrais do conformismo (é melhor “um covarde vivo, quem “agüentaria a dor?”, etc.).

Ao criar a estrutura social de 1984, Orwell baseou-se no Nazismo e no comunismo, mas principalmente neste último, levando suas propostas a níveis fantásticos envolvidas num jogo de retórica digno de mestres da filosofia atacando ao mesmo tempo a direita, a esquerda e o centro e no meio disto tudo, a mente do indivíduo sendo completamente controlada (Psicologia da submissão) desde a infância oprimida sob disciplina tirânica (muitas vezes resultando num adulto inconformado como Orwell/ Winston) até o adulto amorfo, massificado, “vaporizado” quando não era mais necessário ao poder, ou ia de encontro a este.

A altura em que o autor coloca o Estado (com seu poder castrador e super-possante), dá-nos também a inquietação. O discurso, apesar do distanciamento a que nos propomos, nos oprime também, quase tanto quanto aos personagens em certas partes do livro a mimese é claramente buscada como que exibindo uma tentativa por parte do texto de provocar a empatia no leitor, desencarilhando um turbilhão de reações canalizadas, não só sobre o Estado totalitário, mas, sobretudo questiona algo que os civis já aprovaram há milênios: O Estado como um Todo. Nos capítulos em que Winston é torturado – estamos nele, a estética da recepção permite-nos afirmar que existe manipulação “ ‘YOU ARE A SLOW LEARNER, WINSTON’ (SAID O’BRIEN GENTLY) ‘HOW CAN I HELP IT? (...) HOW CAN I HELP SEEING WHAT IS IN FRONT OF MY EYES? TWO AND TWO ARE FOUR’ ‘SOMETIMES, WINSTON, SOMETIMES ARE FIVE (...) THERE (...) ALL OF THEM AT ONCE. YOU MUST TRY HARDER. IT’S NOT EASY TO BECOME SANE’ ” (página 252) a ameaça paira sobre a dignidade humana: “IF YOU ARE A MAN WINSTON, YOU ARE THE LAST MAN” (272).

Ao colocar o poder político em compartimentos (estáticos?), o texto nos dá um lado aparentemente seguro e coerente, faz-nos vestir a couraça de Winston por um certo tempo (um minuto que seja?) brinca com a possibilidade dele ser pelo menos nosso vizinho/colega de trabalho/companheiro no ônibus? Arquetipicamente a igualdade social nos uniria. Mesmo neste tropical país que vivemos deparamo-nos diante do espelho com o nosso eu capturado pelo Estado (como foi em 1964, como foi com a ascensão de Collor de Mello e seus atos como confiscar o dinheiro de toda (?) a população, ou ainda o controle do tempo exercido de alguns anos para cá – uma tentativa titânica de controlar os efeitos naturais que as horas exercem sobre as pessoas, com o chamado “horário de verão”). Sentimo-nos como o Estado pairasse como uma enorme inteligência a nos manipular. Certo Dr. Orwell, estamos exagerando um pouco, mas... nem tanto: as TVs estão ligadas e ainda não escolhemos o BIG BROTHER correto porém ainda não está confirmada a descrença num homem como líder absoluto, tivemos Sadam Hussein, Kadafi e outros como Fidel que fuzila os inimigos, mas o poder recentemente não conseguiu um “Homem de aço” forjado à semelhança de uma ideologia difusa pela mídia.

Temos chance de ter alta? Ou como diz a legenda hippie: “Daqui ninguém sai vivo”?

“FOUR! FIVE! FOUR! ANYTHING YOU LIKE; ONLY STOP THE PAIN!” (250)

Os trabalhadores, psicologicamente apáticos, não se deixam estimular facilmente pelas grandes causas sociais (suas lutas estão ainda no nível básico – e justíssimo – da sobrevivência). Os dias de hoje nos impõem um individualismo/materialismo que chega às raias do incrível. Justamente em “1984” vemos projetada no trabalhador (do Partido) a quase completa ausência de liberdade (E no proletariado o controle animalesco exercido pelo Poder), ainda o conceito de “fruto proibido” em vigor total, a indestrutibilidade da árvore do bem/mal. No texto orwelliano os trabalhadores surgem como zumbis (sem rosto?): Nem Sarchos, nem Quixotes, ninguém luta contra o sistema diretamente, a trama contra o Poder (como vimos recentemente na Rússia é possível), por parte do herói (Winston) é feita subjetivamente.

O que atraiu multidões a comprar este livro? Teria sido a pretensão modernista de transformar os trabalhadores em conformados prisioneiros do totalitarismo? Lembrem-se de que alguns oprimidos cultuam o poder; neste caso quem persegue a liberdade persegue um sonho? Estaria neste canto do cisne de Orwell (seu último livro) o canto do cisne da esquerda? Ou pelo menos da classe trabalhadora? A quem isto interessa? Esta farsa (enquanto ficção) de um processo de socialização desiludido e incapaz de fazer parar a engrenagem da velha máquina cujo impulso humano que a fez movimentar-se é incapaz de melhorá-la. Estaria neste livro o mesmo interesse que alguns têm na história de Cristo (irmão crucificado) que morreu por nós? Um sadismo (misturado com horror) permeia a leitura de forma indelével. A linguagem é seca, objetiva, uma poesia mecânica e eficaz como um gole de gim (que o personagem Winston tanto aprecia) asséptico como deve ser uma cirurgia, anestésico; existe um grau de conformismo diante da vontade do leitor para reagir contra este Estado – bárbaro/tirânico: “YOU DO NOT EXIST (...) WE MAKE THE LAWS OF NATURE (...) NOTHING EXISTS EXCEPT THROUGH HUMAN COUNCIOSNESS” (267). É neste universo que o leitor está mergulhado. Vítima de uma obra fechada (segundo o conceito de Umberto Eco) claustrofóbica, que aponta como final feliz a entrega da consciência para assim obter-se paz.

O herói busca na sociedade a réplica do seu vazio e mesmo dominando a narrativa Winston mais parece uma “laranja chupada” que impertinente nos torna apáticos. Sua revolta não existe, na sua solidão de funcionário ele jamais seria um guerreiro e sua traição ao possível amor de Júlia (“I BETRAYED YOU”) SERIA A TRAIÇÃO NÃO SÓ A SI MESMO em nome do totalitarismo patriarcal, mas, à vida combativa como um todo, um pouco como o Cristo criado pelo escritor grego Niko Kazantzacs em “A última tentação de Cristo” (década de 50) que na hora da crucificação desiste de ser mártir e vai levar vida de casado com Madalena e outra mulher (se bem que este voltou à consciência do seu papel na Terra); não é o que Winston propõe às lembranças de ter traído a mãe e a irmã por egoísmo, à ausência do pai, ele compactua.

Nós que tivemos o poder de Vargas estampado em sua modernidade totalizante influenciada pelo Nazismo, que exercia a Psicologia de controle das massas (regras que dirigem tal processo de domínio, como gestos, discursos e métodos de como adquirir e manter o poder), entendemos este pacto.

A Inglaterra mãe dos operários, ajoelha-se soberana ante o efêmero mundo novo, controlando seus súditos através de tentáculos que lança ao futuro: A família “desmanchada”, o sexo tratado como absurdo, um affair programado pelo governo, a guerra como fundamental para o controle das instituições (ao mesmo tempo presente e imaginária), reflexo de um poder abstrato. Um realismo cru de um cotidiano estatal, a burocracia reescrevendo a vida de acordo com o Governo.

A tendência destrutiva cravada no caráter não é senão a cólera que o indivíduo sente por causa da sua frustração na vida e da sua falta de satisfação sexual. Ainda parafraseando Wilhelm Reich poderíamos concluir que Winston “passou pela experiência a princípio ingênua, depois cheia de espanto, e finalmente de horror, do que Zé-Ninguém, o homem comum é capaz de fazer a si próprio, de como sofre e se revolta, das honras que tributa aos seus inimigos (na última linha do romance o narrador escreve que Winston “loved Big Brother”) e do modo como assassina seus amigos (...) porque tu temes a vida Zé-Ninguém e a destróis na crença de o fazer em nome do socialismo (INGSOC?) ou do Estado, ou da honra nacional”.*

Na submissão e na negação da liberdade Winston encontra alívio para uma possível angústia ou desprazer “absolutamente desnecessário ao seu crescimento, desenvolvimento e à manutenção de seu bem-estar enquanto ser psíquico”. Winston poderia se considerar um “encostado”, adotando a identidade de doente, “órfão social”. O fato de Winston beber muito gim seria um ato compulsivo. Tinha que beber, para se livrar da angústia, retroagindo à fase do desenvolvimento libidinal, à fase oral. Separando-se da natureza ele a reencontra em sonhos, realização alucinatória do desejo (inconsciente?). Integra-se assim entorpecido ao processo civil, abrindo mão do princípio do prazer.

“A criação é ela própria, um modo de agir no mundo exterior (...) buscando ajustamento à sociedade” (lembramos de Winston e seu diário, ou então Orwell e sua obra) “Fausto, Mefisto e Werther são todos projeções do próprio Goethe”. É como Flaubert desabafou: “*Madame Bovary, c’est moi!*”.

Obras como a de Marcel Proust jogam-nos de chofre nos braços da Teoria psicológica da memória (usada como recurso na criação), pela maneira que ele organizou sua obra. É o que sentimos em Orwell: vivência.

Outro destaque vai para a “verdade psicológica” que alguns autores imprimem em suas obras, esta às vezes pode ter pouco ou nenhum valor artístico. *Nineteen eighty-four* nem é tão improvável nem tão fantástica enquanto novela pois é permeada de um “realismo social” apesar de ser um caso de inegável intuição psicológica (por parte do autor, é óbvio).

BIBLIOGRAFIA

1. COSTA, Jurandir Freire. Violência e psicanálise. Rio de Janeiro, Graal, 1984.
2. WELLECK, RENÉ & WARREN, Austin. Teoria da literatura. Lisboa, Europa-América, 1962.
3. REICH, Wilhelm. A função do orgasmo. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.
4. _____ Escuta, Zé Ninguém! Lisboa, Martins Fontes Ltda., 1981.
5. SAMUELS, Andrew. Jung e os pós- junguianos. Rio de Janeiro, Imago, 1985.
6. ROSENBERG, Lea Rachel. Psicologia dos superdotados. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1973.
7. SMITH, David & MOSHER, Michael. Orwell para principiantes. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986.
8. BONALUME, Ricardo. George Orwell. São Paulo. Editora Brasiliense, 1984.
9. ORWELL, George. *Nineteen Eighty-Four*. England/Germany, Longman, 1983.
10. FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, 1976.

* REICH, WILHELM. Escuta, Zé Ninguém. Lisboa. Livraria Martins Fontes, 1981.

Material produzido exclusivamente para o site www.moisesneto.com.br. Qualquer forma de reprodução sem prévia autorização é proibida.